

JORNAL

TERRA E LIBERDADE

DEZEMBRO 2013 - Nº6 - RIO DE JANEIRO - R\$1.00

EDITORIAL

2013 foi um ano em que vivemos muitos anos, que entrará para a história como marco de resistência e levante popular, ano em que dissemos 'basta, até aqui, ok, agora chega, não vamos mais tolerar parados'. Ano do limite, da gota d'água representada por um aumento de passagem. Os efeitos do reconhecimento da sua própria força por parte da população ainda estão sendo sentidos, as riquezas políticas deste ano ainda não foram esgotadas pelas avaliações. Certamente o empoderamento popular trouxe os excluídos para as ruas; colocou diante da polícia com pedras aqueles que sofrem violência do Estado durante gerações; introduziu novos guerreiros na luta, lotou fóruns, inaugurou assembleias populares. Houve uma retomada de participação política pela população, aprendemos a resistir diretamente à ação do Estado, desenvolvemos táticas de auto-defesa. Nem é preciso dizer que isso não era esperado, mesmo aqueles que contribuíram para a construção desta conjuntura não acreditaram imediatamente no que estava ocorrendo. Mesmo para nós, que sempre defendemos não haver outro caminho, em um ano praticamente sem recuo desde junho, as análises foram adiantadas em uma década, a ação direta mostrou-se como um supletivo para formação política e trabalho de base. Se o Estado só sabe responder com mais e mais repressão - leis inconstitucionais, prisões arbitrárias, criminalização crescente, perseguições absurdas -, certo é que nós aprendemos novas e ampliadas táticas de resistência e combate. Enquanto torna-se mais evidente o caráter ditatorial de nosso suposto Estado de direito e a falência das manipulações

midiáticas pelo monopólio dos meios de comunicação oficiais, a pretensão de retirar nossas máscaras os desmascara e a mídia alternativa relativiza e possibilita o apoderamento da informação. No ano da revolta do vinagre e da batalha da ALERJ, a reocupação da aldeia maracanã foi certamente um marco. Uma vitória da luta continuada e simbólica das ruas. Vale lembrar que a primeira resistência direta nas ruas este ano, resistência não esperada por parte do Estado, se deu justamente no dia da desocupação da aldeia, em frente à ALERJ, onde os carros policiais levaram cocos em resposta à violência absurda que os defensores da aldeia maracanã haviam acabado de sofrer, mesma ALERJ que depois foi tomada a pedra e pau pelos manifestantes. Nós aprendemos a não temer e a resistir à polícia; aprendemos a golpear também, aprendemos que o maior ditador tem que recuar diante da força do povo, e que esta força se torna maior quando estamos livremente associados sem um centro: mídias independentes; trabalhadores, sem tetos; socorristas; torcidas organizadas. Neste ano, vinte centavos valeram bilhões simbólicos em perdas aos que exploram e dominam em nossa sociedade. Abalamos os limites do possível e l

e, portanto, daquilo mesmo que podemos chamar real, balançamos o status quo, desafiamos os poderes instituídos e seus símbolos, fizemos os dominantes tremer diante das bandeiras negras com o A na bola, obrigamos a mídia oficial e as instâncias governamentais a ler e estudar sobre nós, colocamos a autogestão como pauta no horário nobre. Deixamos claro, ao mesmo tempo, que não é jamais por piedade ou pela via institucional que se consegue vitórias reais de um Estado manipulador e violento, e que é possível se rebelar contra os domínios estabelecidos e construir uma outra realidade fundada em novas bases. O ano do surgimento da tática Black Bloc no Brasil foi

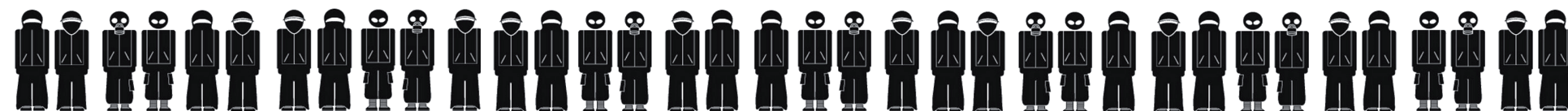


também o ano de formação da Frente Independente Popular, em vários estados do país, que reúne todo um campo da esquerda não-partidária nem eleitoral, organizações e indivíduos que já atuavam juntos e que finalmente conseguiram se organizar. A formação da Frente foi também um grande marco deste ano. E este foi ainda o ano de uma greve histórica na educação, greve tocada pela base organizada, que resistiu nas ruas e radicalizou, tomando posse das suas reais possibilidades. Greve também que, se traída pelas direções par-

tidárias, mostrou-se um marco de resistência, de perda de espaço para os oportunistas e um fim em si mesmo para o crescimento político da categoria. A OATL esteve diretamente presente em todos estes espaços de luta, coerente com seus princípios e projeto político, nas ações diretas e nos trabalhos de base, nas assembleias e nos grupos de estudos, na interpretação e na formação teórica também, mas, sobretudo, na desconstrução e construção prática da realidade, na formação do poder popular. O informativo que se segue é mais do que uma

passada em revista de nossas frentes e atuações nestes vários âmbitos este ano, é também uma avaliação do que acreditamos ser o papel do anarquismo e do que pretendemos nestas frentes para a sociedade. Sabemos que 2013 não terminará agora, pois foi também um ano de preparação para o que virá. 2013 foi a ante-sala de 2014, e muito ainda tem que ser feito. O próximo ano é aquele no qual precisamos dar sentido ao grito

NÃO VAI TER COPA!!!



O sindicalismo revolucionário e o sindicato de Estado

Em nosso primeiro jornal (setembro, 2012), no artigo "Sindicalismo hoje", levantamos uma questão sobre a burocracia sindical e o papel negativo que ocupa nas lutas. Neste texto, dizíamos:

"Com cargos de 'lutadores profissionais', os 'representantes da categoria' vivem em sua contradição: dizem representar os trabalhadores contra o Estado e ao mesmo tempo contêm qualquer radicalização da base que possa acarretar na sua própria desmoralização ou destruição. Podemos observar que as radicalizações, de modo geral, não ocorrem através das direções, mas apesar delas" (OATL, 2012).

Tendo atravessado um dos períodos mais importantes da história do país, com um levante popular que alcançou não apenas algumas conquistas materiais - como a retomada da Aldeia Maracanã, o cancelamento do aumento das passagens, etc. -, mas fomentou uma cultura do protesto, da indignação e da ação direta, a luta sindical mostrou-se pressionada pela própria vida, com todas as suas demandas e formas. A manifestação puxada pelas centrais sindicais no dia ... e algumas greves como a da educação, dos bancários, dos correios e dos petroleiros, mostraram os avanços possíveis e também as velhas práticas e rostos do sindicalismo de Estado. A paralisação nacional puxada pelas centrais mostrou como estas, na verdade, não estavam querendo fortalecer as mobilizações populares, mas "pacificá-las", enfraquecê-las a partir do controle e do respeito à ordem. Foi

emblemática a manifestação no Rio de Janeiro quando os manifestantes enfrentavam a polícia, colocando-a para correr, e as direções da CUT, CONLUTAS e INTERSINDICAL chamavam o recuo, criminalizavam a resistência e ainda colocavam em seu carro de som o hino nacional, o hino do Estado, para abafar a revolta. Este ato, com a agressão cometida pelos burocratas sindicais contra manifestantes do "bloco negro", foi um marco no fortalecimento do Black Bloc e na ruptura com representantes do Estado. Pouco tempo depois nascia a FIP e os setores mais combativos recusavam qualquer atuação conjunta com estes setores

que servem à reação.

As greves dos bancários, dos petroleiros e dos correios, dirigidas pela CUT, mostraram também o pior lado do sindicalismo governista. Foram greves sem mobilização, pautadas apenas na negociação burocrática e em acordões. A ação mais forte contra o lucro e poder dos bancos foi feita fora da greve, pelos manifestantes nas ações de ruas, quando estes destruíram agências, denunciaram o lucro dos banqueiros e a exploração sofrida pelo povo. As pixações nos tapumes dos bancos - "este banco quebra vidas" - e as agências quebradas, foram muito mais importantes





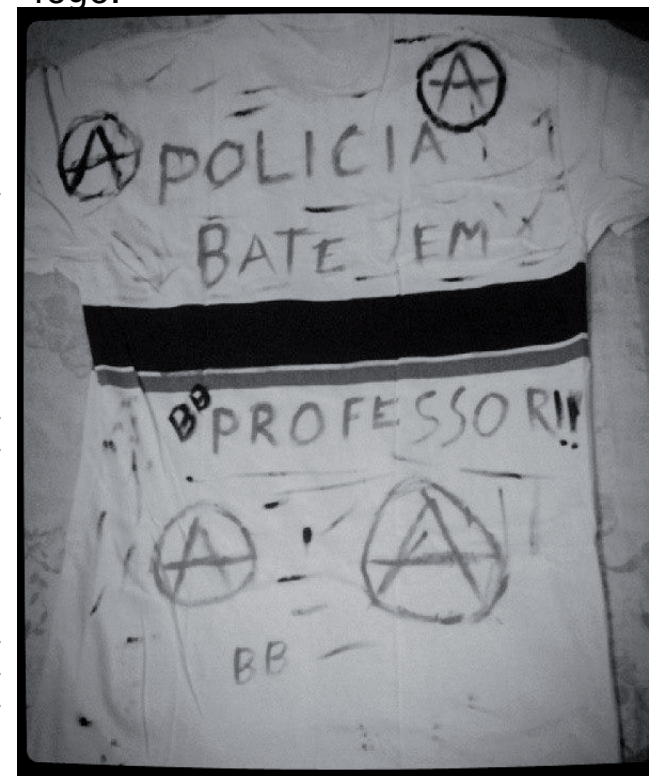
que os panfletos escritos pela direção pelega. A greve da educação, por sua vez, seguiu um caminho distinto, conseguindo em mais de 2 meses mobilizar milhares de educadores em atos de 20 mil trabalhadores da educação e também envolver o povo em sua luta. Isso, claro, aconteceu, muitas vezes, não apenas sem o apoio da direção do SEPE, mas contra ela, contra as suas posições recuadas.

Uma militância de base forte, reunida nos comandos de greve das duas redes (que depois se unificou), conseguiu impulsionar as lutas, ocupações da câmara e secretarias, atos mais fortes, e após a grande repressão que envolveu a votação fechada do plano de carreira dos profissionais do município, incorporar também a tática Black Bloc (no caso, Black Prof) nas suas manifestações. Dois atos com 100 mil pessoas mostraram apoio aos educadores em greve e falaram que queriam uma educação a serviço do povo. A revolta com a postura da polícia e dos governos foi tão grande que chegamos a presenciar cenas de uma verdadeira rebelião popular com ônibus e viaturas queimadas, o símbolo da ditadura - o Clube Militar - incendiado, bancos destruídos e a porta da Câmara Municipal - onde o povo não tem acesso - bombardeada. Uma greve histórica foi tocada e seu

sucesso deve-se à coragem e disposição da base da categoria que se confrontou com toda a estrutura do sindicalismo de Estado e pôs em luta diversas táticas, formas de mobilização e confronto características do sindicalismo revolucionário, tão empregados pelos operários anarquistas aqui no Brasil (piquetes, barricadas, expropriações, auto-defesa, etc) nas primeiras greves gerais, antes de serem presos e exterminados.

Mesmo com o fim vergonhoso da greve e a traição feita pela direção em Brasília, denunciado por nós em alguns materiais, temos a certeza que construímos uma greve que está na história deste país e da luta dos trabalhadores. Os seus frutos são o futuro livre e o presente sem arrego. Com esta greve, queimamos o bloqueio. Desarmamos o pessimismo, os preconceitos, as resignações. Atingimos o fundamento ideológico da reação, que é a crença de que nada pode mudar, que tudo será assim mesmo, e que só podemos conquistar o que é menos, pouco, o que é lei, Estado, medo. Todas aquelas e aqueles que por todos estes meses construíram esta greve colocando sua vida em risco, sua vida em jogo, a vida em questão, saem dela com uma convicção e uma certeza inabalável: "As leis não bastam. Os lírios não

nascem da lei. Meu nome é tumulto, e escreve-se na pedra". Que este tumulto, este espírito anárquico, esta força rebelde, esta pedra na mão, este escudo em punho, floresçam, se espalhem, brotem, como e com a alegria daquela criança que foi à rua defender sua professora, seu professor, seu presente, seu futuro. O sindicalismo revolucionário nasce aí... da flor e do fogo.



MISÉRIA DA BUROCRACIA

Em Novembro de 1966, na Universidade de Estrasburgo uma façanha ocorreu: Alguns estudantes que declaradamente buscavam uma militância radical foram eleitos para o grêmio estudantil. Uma vez eleitos, divulgaram amplamente um panfleto da Internacional Situacionista, *A miséria do meio estudantil*, e logo depois proclamaram a extinção do grêmio. Tal episódio ficou conhecido como o Escândalo de Estrasburgo. É necessário entendermos que essas ações buscavam romper com a "Sociedade do Espetáculo", objetivo pautado pela teoria situacionista. Uma técnica válida de ataque ao espetáculo seria o "desvio", ato de virar o feitiço contra o feiticeiro. Nesse caso específico, o texto e a ação buscavam denunciar a subserviência das/dos estudantes ao modelo de ensino mercantil.

É impressionante notar como muitas das "misérias" apresentadas no texto permanecem atuais. Elucidaremos aqui aquelas que possuem alguma conexão notável com a realidade do meio estudantil de hoje, no Brasil. A *miséria do meio estudantil* busca de início delinear uma caricatura "do estudante" e vai revelando, crítica por crítica, vícios e contradições. A miséria real da vida cotidiana é a primeira que atinge esse estudante. Mesmo advindo de uma classe mais abastada, vive uma situação econômica pauperizada, mas ainda assim não se mostra insatisfeito já que encontra na mercadoria (ou capital) cultural uma grande compensação. Considera-se extremamente "politicizado", mas mal sabe que sua politização, na verdade, é inofensiva para o sistema econômico dominante. Julga-se "autônomo" mesmo apesar de possuir dependência direta de dois dos pilares de autoridade da sociedade: A família e o Estado.

Segundo o panfleto, o "espetáculo" é responsável por impor uma passividade generalizada às pessoas e o estudante não escapa dessa lógica: Desempenha dentro da Universidade - considerada pelos situacionistas uma "sociedade de iniciação" que isola quem está nela da realidade cotidiana da classe trabalhadora - um papel provisório de preparação para ser um elemento conservador da ordem vigente. A falsa consciência política do descrito

estudante constitui a base ideal para as manipulações de organizações burocráticas. São descritas e criticadas "organizações pretensamente revolucionárias" que atuam dentro do meio estudantil como a UNEF (União Nacional dos estudantes da França) e outras entidades reformistas que - trazendo para a atual realidade - podem ser interpretadas, sem rodeios, respectivamente pela governista UNE e pelos partidos ditos de esquerda como PSTU e PSOL. E a crítica aos pretensos revolucionários não se limita ao meio estudantil.

É possível fazer relação entre a conjuntura do Rio de Janeiro no período pós Levantes de Junho e o seguinte exemplo dado no texto: Quando alguma base sindical adere à ação direta, os dirigentes se veem completamente a reboque do movimento e nada mais conseguem fazer a não ser denunciar "excessos", apelar para o pacifismo e boicotar a base. Esse processo ocorreu na greve da Educação do Rio de Janeiro deste ano e não é mera coincidência. Nisso tudo, o sindicalismo estudantil não passa de uma caricatura, uma repetição burlesca desse "sindicalismo degenerado". Não foi nada diferente a atuação das entidades estudantis de partidos, que se pautam por disputar as eleições burguesas, nos levantes populares de 2013.

Podemos ir mais além: O texto elucidava o caminho de superação da burocracia, o que seria no contexto atual, a superação da falida representatividade burguesa. Esse caminho se dá através de uma retomada dos programas revolucionários com radicalismo e coerência ampliados pela falência do modelo reformista. Ao fim, aprimoram-se as críticas as teorias de organização dirigistas e como contraposição, a autogestão é colocada como o meio e o fim da luta dos movimentos revolucionários. E uma mensagem clara é deixada as/aos estudantes: Assim como o operário se revolta espontaneamente contra a sua condição de operário, o estudante deve se revoltar contra seus estudos. A revolta contra a "hierarquia universitária", ou, a meritocracia do modelo de educação hoje imposto é também a revolta contra todo o sistema social baseado nisso, é contra a ditadura do Capital.



Anarco-comunismo Búlgaro: uma breve introdução**Resgate histórico**

No início do século XX, o movimento anarquista organizacional teve uma considerável fortificação no leste europeu, vindo a se destacar os movimentos na Bulgária e na Macedónia. Apesar de serem muitas vezes esquecido e negligenciado, as lutas armadas nestes dois locais tiveram bastante peso no combate ao fascismo, ao stalinismo e também nas lutas emancipatórias anti-capitalistas.

Os movimentos anarquistas organizacionais búlgaro tinham bastante influência do anarquismo ucraniano, mais especificamente do maknovismo.

Em 1919, no auge da revolta dos trabalhadores contra o capitalismo, o movimento anarquista búlgaro e da Macedónia voltam a se organizar, o que posteriormente irá dar na formação da Federação dos Anarco-comunistas da Bulgária (FAKB). Esta foi fundada por Mikhail Gerdzhikov, um dos fundadores do Comitê Revolucionário Clandestino Macedónico (MTRK, 1898) e comandante da primeira linha na Revolta da Macedónia (1903), onde 2000 homens derrotaram 10000 soldados turcos criando, as-

sim, uma zona livre nas montanhas de Strandja, na Trácia, uma ação que teve uma influência fundamental na queda do Império Otomano.

A FAKB teve muita importância para a divulgação do ideal anarquista, com bastante inserção nas massas, indo a penetrar desde o meio estudantil até no movimento sindical. Além disso, a Federação Anarco-comunista da Bulgária ajudou na fundação de outras várias organizações anarquistas tanto na Macedónia quanto na Bulgária.



○ ESPAÇO DE DECISÃO DAS COMUNIDADES: ○ PODER POPULAR E AS ASSEMBLEIAS POPULARES.



Desde o nosso primeiro jornal, procuramos pautar a luta que é travada na Zona Portuária como uma luta de classes e de construção do poder popular. Como luta de classes, enxergamos que o direito a uma vida digna e sem nenhum tipo de autoritarismo e opressão é uma bandeira do povo trabalhador. Quando ouvimos a Providência dizer: **“Não à remoção de casas e escolas!”**, estamos ouvindo camelôs, diaristas, empregad@s precarizad@s, etc reivindicando que as decisões de suas próprias vidas não sejam tomadas por ninguém senão pela própria comunidade! E contra o intere\$\$\$e da especulação imobiliária que sufoca cada

vez mais quem habita em favelas e comunidades que ocupações do movimento sem teto resistem há anos na região, colocando em prática o poder do coletivo organizado gerindo a sua própria vida.

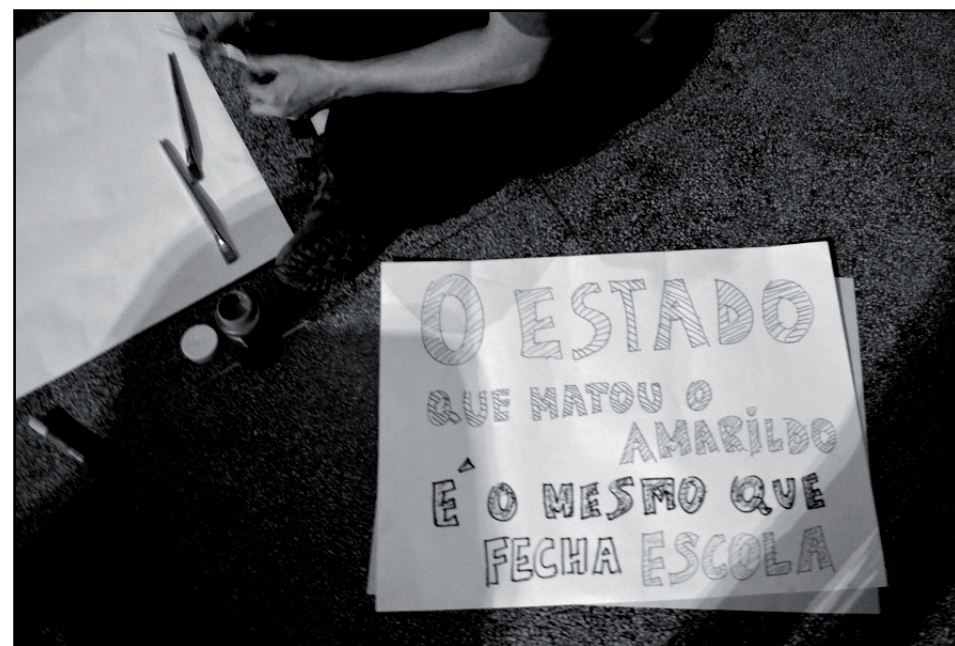
Em contra partida ao Estado que imprime toda sua violência ao legitimar que casas sejam removidas, escolas públicas fechadas e hospitais demolidos para que no lugar entrem construções sem interesse social, ou seja, que serão privadas e gerarão lucro para uma meia dúzia de empresários, a luta das ocupações Quilombo das Guerreiras e Chiquinha Gonzaga se configura como resistência a esse projeto de cidade que nega o direito à moradia. E a criminalização de quem luta, de quem esteve e estará nas ruas, nas manifestações, como também do próprio movimento social, é o diálogo que propõe estabelecer o governo.

Enquanto processo de construção de um poder popular, os diversos focos de luta nas comunidades, favelas e periferias alcançam larga influência e impacto nos conflitos à medida que a organização política das demandas toma corpo e cria os meios desses grupos resistentes passarem da luta mediada à ação direta, ou seja, contam muito mais com seus próprios esforços do que recebem ordens de terceiras pessoas. As Assembleias Populares, nesses marcos, ressaltam bem a tentativa, potencializa-

da a partir da intensa experiência das revoltas populares desse ano, de intensificar a necessidade do debate comunitário pela própria comunidade, organizada em espaços abertos, populares de deliberação comum, em torno de problemas em comum.

A coragem e a força dessas tantas pessoas são nosso morteiro, nosso fôlego; a cada dia em uma ocupação auto-gestionada, a cada casa que deixa de ser demolida avançamos sobre o Estado, resistimos à fome desejosa – fome sem vida, sem respeito – da especulação.

Temos um caminho pela frente. Longo ou não, temos que nos organizar, em escolas, bairros, locais de trabalho, pautando as demandas e levantando sempre que a decisão é nossa, a resistência é nossa. A ação é nossa, é direta e revolucionária. As barricadas nos protegem; o nosso poder cria um mundo novo.



Caminhada por Moradia, Saúde e Educação na Zona Portuária e Morro da Providência: *“O Estado que matou o Amarildo é o mesmo que fecha escola”*



Ação direta: As ferramentas de luta dxs oprimidxs

Ao longo dos últimos meses, percebemos a necessidade de refletir mais sobre as inúmeras formas de ação que trabalhador@s e oprimid@s utilizaram ao longo da História e ainda utilizam para alcançar suas reivindicações. Chamamos **AÇÃO DIRETA** toda tática de luta que seja protagonizada pelos próprios grupos ou indivíduos, quer ela seja de caráter econômico, ou de combate a uma opressão, e que visa, no geral, agir imediatamente sem que tal decisão seja avaliada por algum partido, instituição ou ordem legal. Tais táticas são largamente propostas e utilizadas por anarquistas nos diversos espaços de luta que estão inserid@s, acreditando que a luta contra o Estado, o combate às opressões e por outra forma de produção que não a capitalista são tarefas unicamente da classe trabalhadora e oprimida. É somente quando a classe trabalhadora tiver consciência de sua condição de explorada que poderá despertar as forças revolucionárias e a necessidade da organização da luta revolucionária.

GREVE - Histórica ferramenta para conquistas de melhores condições de trabalho e de vida. Se não fossem inúmeras greves parciais (alguns setores da classe trabalhadora) e até mesmo gerais (onde grande parte de toda classe trabalhadora paralisa a produção de uma cidade), não teríamos, no Brasil, o seguro desemprego, férias remuneradas, licença maternidade, 13º salário, etc.

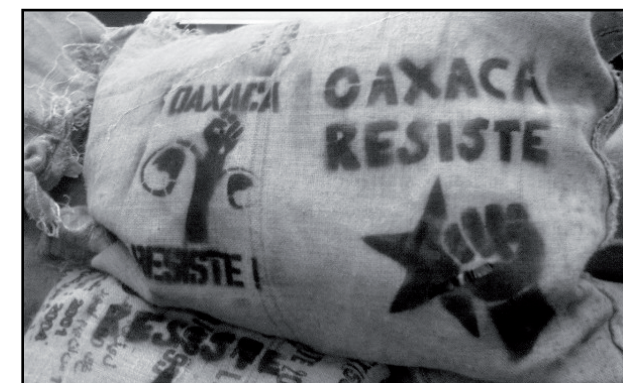


ESCRACHO - é a maneira mais pública de ridicularizar e atacar opressores e exploradores: machistas, racistas, homofóbicos e transfóbicos, patrões etc, através de painéis, performances e pequenas passeatas. Normalmente, o escracho se faz na presença da(s) pessoa(s) a serem chacoteadas.

PASSEATAS, MANIFESTAÇÕES E ATOS - Em geral, são ferramentas de combate e de ação mais radicalizada nas revoltas populares. Além, permite uma divulgação ampla de fatos, procurando mobilizar toda a sociedade.



BOICOTE - intensa propaganda contra alguma empresa, instituição, forma de governo, lei ou mesmo pessoa. Exemplos: boicotes à Rede Globo são feitos porque a emissora é mentirosa, facista e apoia o massacre da juventude nas periferias e favelas.



PIQUETE - trabalhador@s de uma dada empresa, por exemplo, de telecomunicações, em assembleia não decidem pela greve, porém, optam por não permitir a entrada de ninguém no local, causando transtornos e prejuízos para patrões. Ainda, é uma boa maneira de diálogo com a população que frequenta as localidades da empresa.

BARRICADAS - há mais de 200 anos as barricadas são utilizadas para proteção em combates ou até mesmo para delimitar um território que é, naquele momento, conquista das revoltas populares. Lembramos: nós não temos armas como as que tem o Estado. A barreira física nos possibilita a defesa, fecha o caminho da repressão, mas abre novos horizontes para a luta.

EXPROPRIAÇÃO - É a tomada de alguma indústria, estabelecimento, fazenda ou território privado pelo povo trabalhador e oprimido. Essa ferramenta é extremamente necessária: sabemos que o patrão, o proprietário e o Estado têm diversas "posses" que com elas mantêm seus poderes e seus lucros. Pois bem, o que temos que fazer se nós quiséssemos tirar deles o que é nosso, e começássemos a fazer do nosso jeito, produzindo para a sociedade e não para o lucro e poder? Fazemos a expropriação e transformação da produção/ do território em bens de toda população.

ATAQUE AOS SÍMBOLOS DO CAPITALISMO E DO CONTROLE ESTATAL

Configura a destruição de bancos, empresas privadas e prédios públicos, que simbolizam a escravidão estatal e capitalista.



Como podemos notar, a Ação Direta não é uma entre as ferramentas, mas sim um método para se tocar diversas formas de luta. Aqui, pontuamos brevemente algumas que são utilizadas mais no combate e na radicalização. Contudo, são certamente úteis tantas outras formas de Ação Direta que, dependendo da situação, não se configuram como combate, mas são radicais em sua essência, pois promovem, sempre, uma maneira diferente e direta de agir. A propaganda anarquista, a educação libertária, as artes, as atividades culturais e políticas, a economia solidária e direta, as Ocupações, grupos de estudos e outras ações, que nas próximas edições teremos oportunidade de exemplificar, podem se configurar enquanto Ação Direta se, como dissermos, for desenvolvida e protagonizada pelos próprios trabalhador@s e oprimid@s.

Solidariedade



SÍRIA - Na Síria, os levantes populares vão se militarizando cada vez mais, e sendo sequestrados por grupos que se propõe vanguardas do povo. Ainda assim as alternativas anti-autoritárias florescem, diversos municípios ainda lutam por sua autonomia face a todas as diversas formas da opressão e conselhos de base estão se organizando e autogerindo diversas municipalidades. Infelizmente, Omar Aziz, uma das pessoas que impulsionou a emergência dessas práticas anarquistas junto ao povo sírio morreu no cárcere. Seu trabalho teve um grande impacto na organização revolucionária síria e sua morte só aumenta a urgência da ação e da luta. Não perdoamos e não esquecemos!

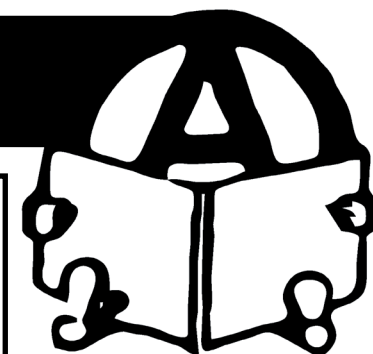
U\$A - A ONU reconhece o confinamento solitário por mais de 14 dias como tortura que destrói o ser humano, Herman Wallace, Pantera Negra, passou 41 anos na solitária, mais de 14.000 dias. Com 72 anos e câncer terminal Herman foi libertado e inocentado, após 3 dias de liberdade faleceu. Os Estados buscam pela criminalização dos movimentos sociais espantar o povo da luta, mas são as próprias atrocidades cometidas pelos Estados e pela lógica carcerária que fazem ferver nosso sangue, nos movem a lutar sem arredar o pé e sem deixar ninguém pra trás. LIBERDADE PRA GERAL!

AIT-IWA - Sob o lema "One World, One Fight" ("Um Mundo, Uma Luta"), as diferentes seções que compõem a AIT se reunirão em Valência no XXV Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores, 147 anos após sua fundação. Mas além dos anos que separam o nascimento da AIT da atualidade, e os numerosos sucessos e dificuldades no transcurso de seu quase um século e meio de vida, um objetivo tem prevalecido até hoje: a emancipação econômica da classe trabalhadora. Um objetivo que está assentado em sólidos princípios, perdurando no tempo contra a exploração laboral e a injustiça das guerras perpetradas pelo Capital em benefício próprio. Uma associação de organizações de trabalhadores, sempre em defesa dos/as trabalhadores/as, seja qual for sua nação, com a firme convicção de que todos/as eles/as enfrentam uma mesma luta contra um mesmo inimigo.



RJ - **DESTRUA AS PRISÕES!** Não podemos aceitar a política carcerária de terror que vem sendo aplicada pelo estado. Lutar não é crime! Toda solidariedade aos presos e perseguidos políticos!

CIRANDA CULTURAL



ENTRE CAMPONESES - Malatesta

O livro reúne dois importantes textos do autor, publicados originalmente em um período em que os anarquistas rompem com outros grupos ditos

socialistas por discordarem da eficácia da via parlamentar de conciliação de classes, e procuram formular estratégias coerentes com uma ação federalista que vise a destruição completa das classes sociais.

Entre camponeses (1883), obra didática destinada ao trabalhador rural como agente legítimo da revolução, trata dos principais fundamentos que deveriam capacitar os revolucionários do campo em sua luta local, e portanto federativa.

Período eleitoral (1897), por outro lado, discorre sobre os aspectos da tática abstencionista dos libertários, e contra a participação parlamentar, partidária e representativa proposta pela social democracia.



A anarquia

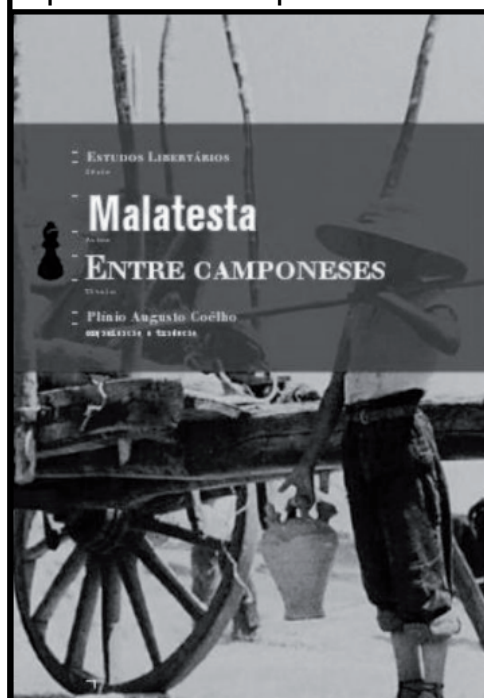
Para a anarquia vai a humanidade
Que da anarquia a humanidade vem!
Vide como esse ideal do acordo invade
As classes todas pelo mundo além!

Que importa que a fração dos ricos brade
Vendo que a antiga lei não se mantém?
Hão de ruir as muralhas da Cidade,
Que não há fortalezas contra o bem

Façam da ação dos subversivos crime,
Persigam, matem, zombem... tudo em vão...
A ideia, perseguida, é mais sublime,

Pois nos rude ataques à opressão,
A cada herói que morra ou desanime
Dezenas de outros bravos surgirão

José Oiticica



O COMBATE ÀS OPRESSÕES

A sociedade em que vivemos é marcada pela luta de classes e pelas desigualdades sociais oriundas dela, mas também é marcada pelo heteropatriarcado, pela hegemonia e europeia,

monia

pela exclusão de todos e todas que não se adequam ao binarismo sexual (não se adequam à ideia de ser homem ou mulher somente), à excessiva valorização da juventude, da magreza, de uma determinação do que é sanidade mental e da perfeição física. Dessa forma, uma revolução que pense apenas na emancipação da classe trabalhadora, possivelmente continuará reproduzindo a discriminação contra as demais minorias, em suma, será uma revolução que emancipará somente o trabalhador que seja homem, branco, heterossexual, intelectualmente são e hábil fisicamente. **Por isso, pensar numa revolução que construa um mundo realmente igualitário é pensar também na luta contra as opressões às minorias, contra as outras hegemonias que atravessam nossa sociedade.**

O problema das outras opressões não é apenas um problema de preconceito, muito menos de maldade das pessoas que são preconceituosas, mas sim de sistemas de dominação e hierarquia. Por isso não basta trabalhar amente das pessoas para que sejam menos preconceituosas, e agir como se todos fossemos iguais na militância. Mesmo dentro da classe trabalhadora existem diferenças, existem opressões. Como exemplo, podemos citar o fato de que as balas da polícia atingem mais pessoas negras que brancas, independentemente dessas pessoas brancas serem anti-racistas. Fora o fato da beleza, cultura e religiosidade negra serem desvalorizadas. Essas coisas, dentre outras, fazem com que militantes negros precisem superar muito mais obstáculos tanto

no dia-a-dia como na militância. Dessa forma, não basta uma militância que não seja racista, é necessário que haja uma militância que atue especificamente nos movimentos negros, uma militância cujo foco seja a destruição da hegemonia branca, da subjugação das pessoas negras.

Além disso, acreditamos ser muito simplista a ideia de que com o fim da sociedade de classes todas as outras estruturas que existem e as opressões oriundas delas irão se desfazer. O patriarcado por exemplo, antecede o capitalismo, e por isso, a simples destruição dele, não trará uma igualdade completa entre homens e mulheres.

Após anos e anos de dominação, se solidificou na nossa mentalidade que uma série de coisas são naturais, como as mulheres terem maior aptidão pras tarefas domésticas, serem mais cuidadosas, mais fracas, mais amorosas, mais conversadeiras, se preocuparem mais com o amor que com o sexo. O fato de pensarmos nessas coisas como naturais faz com que acabemos por oprimir quem não se adequa a elas, e além disso, solidifica o lugar da mulher em casa, ainda que essa participe das lutas políticas. Dessa forma, é perfeitamente possível supor que, após a revolução, mesmo que a mulher participe ativamente na luta política, ainda seja em casa a responsável por fazer as tarefas domésticas e que muitas sejam estupradas por seus maridos, como ocorre hoje em dia.

De fato, a esquerda classista e combativa em peso ignora as questões específicas e as lutas das pessoas transexuais e travestis, das lésbicas, gays e bissexuais. O fato de não estarem lutando contra a homofobia, transfobia - preconceito contra travestis e transexuais - e lesbofobia - preconceito contra lésbicas - nos faz questionar se esse novo mundo, não capitalista, construído por esses movimentos, traria realmente alguma melhora para o preconceito sofrido por estas pessoas.

Por tais motivos, dentre outros, entendemos que essas lutas específicas também são necessárias e que uma revolução só será plena se, além de classista, destruir essas outras formas de hierarquia e opressão. Por isso é importante estar presente nelas, defendendo posições classistas, combativas e libertárias. Da mesma maneira, é importante estar nos movimentos classistas pautando as bandeiras das lutas de gênero. Dessa forma, decidimos criar a frente de combate às opressões. Afinal, queremos comunas não só de homens brancos heterossexuais, mas de pessoas negras, de travestis, de mulheres, de homossexuais, de pessoas com deficiência, de indígenas e todas mais!

